

VEIO NO VENTO
um olhar a vida
entre a poesia e a antropologia

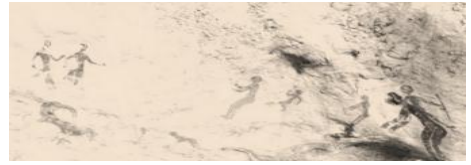


Carlos Rodrigues Brandão

*Se procurar bem, você acaba encontrando
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida.*

Carlos Drummond de Andrade

Com o vento as palavras vêm



Creio que pouca gente sabe – mesmo quando pertencente à nossa pequena tribo de antropólogas/os - que no ano de 1990 Dennis Tedlock publicou um livro de poesia. E o publicou como um antropólogo. E dedicou outros a uma antropologia da poesia¹

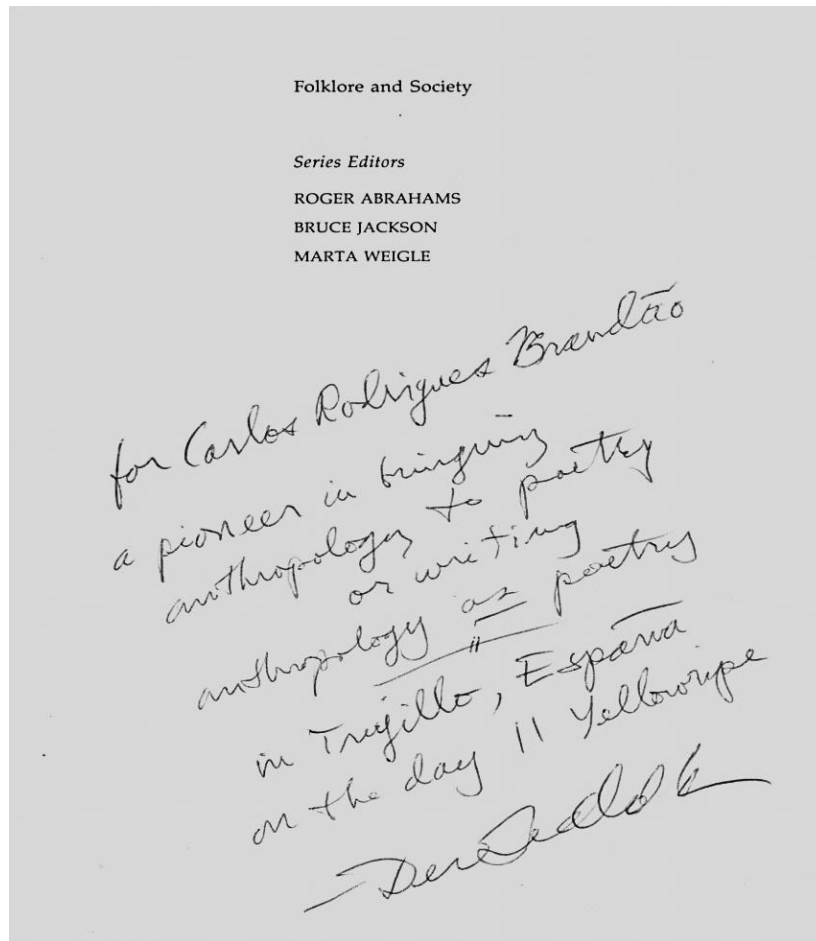
Acho que bem menos gente sabe que alguns anos antes, em 1982 eu publiquei um livro de poesia, como um antropólogo e não como um poeta que também escreve (e em geral esconde)... “as minhas poesias”.

O livro de Dennis tem este nome: *Days from a dream almanac*, e é um livro sem notas de rodapé e, menos ainda, sem qualquer bibliografia. O meu livro tem este nome: *Diário de Campo – a antropologia como alegoria*. E, ao contrário do livro de Dennys, trás uma exagero de notas de rodapé e, ao final, uma longa bibliografia, em que os livros e outros documentos aparecem divididos pelas reais ou imaginadas categorias vocacionais de seus autores: “os antropólogos”, “os filósofos”, “os poetas”.

O livro dele é dedicado: “to the memory of my parents”. Já o meu recebeu esta dedicatória: “Para Maria Alice, com um amor igual ao de um dia em julho, há muitos anos atrás”. Os “muitos anos” são agora bem mais. Continuamos juntos há 52 anos.

Penso que bem menos gente ainda sabe que quando nos encontramos em Trujillo, na Espanha, em um dos encontros internacionais ao redor “de los 500 años”, Dennis me deu um exemplar de seu livro, com esta generosa dedicatória.

¹ Assim: *Finding the Center – Narrative Poetry of the Zuni Indians*; *Popol Vuh: the Mayan Book of the Dawn of Life*



Ao final de seu livro, em uma “Futher Note to the Reader”, Dennis Tedlock escreve isto.

For more of (and about) the poetry of fieldworkers, including experimental translations of the poetry of peoples met in the field, see the magazine Alcherinca/Ethnopoetics (1987/80), founded and edited by Jerome Rothenberg and myself. Two recent anthropologies of fieldwork poetry (not including translations) are: Refleitions: the Anthropological Muse, edited by J. Iain Prattis (Washington, DC.: American Anthropological Association, 1985) and a special double issue of Dialectical Anthropology (vol. 11, 1986), edited by Stanley Diamont; the latter includes essays by the poets and their critics. Two volumes of poems by particular anthropologists come to mind:

Carlos Rodrigues Brandão's *Diário de Campo: a Antropologia com/como Alegoria (São Paulo: Brasiliense, 1982)* and Stanley Diamond's *Totens (Rhinebeck, N.Y.: Open Book/Station Hill, 1982. (1990: 87).*

Logo a seguir Dennis Tedlock recorda que "there could not have been a better place than Brazil to begin work on *Days from a Dream Almanac*". Não sei se anos antes Claude Lévi-Strauss teria feito semelhante confissão no prefácio de *Tristes Trópicos*. E ele encerra o parágrafo de confidências tropicais lembrando seus diálogos com Carlos Vogt - que mesmo quando foi "meu reitor" somente conversava comigo a respeito das poesias que intertrocávamos - e João Batista Costa Aguiar - que lamento não haver conhecido.

De minha parte, nunca duvidei de que ancestralmente a poesia, a prece e o mito terão sido a fala mais humana de que a cultura emergiu, até quando milênios mais tarde o *mytho* foi sendo submergido pelo *logos*, a poesia pela prosa, e a prosa poética pela prosaica... ou a dura das ciências.

Apenas vários mais tarde encontrei em alguns ousados pensadores a confidência de que talvez o *devaneio* seja uma alternativa do pensamento e do imaginário humano senão superior - pois não se trata disto - mais pelo menos mais humanamente denso, profundo e gratificante do que o *conceito*. Para tanto recomendo a obra de "Gaston Bachelard. Mas o "Bachelard noturno", sabiamente editada em belos livros de capa vermelha pela Martins Fontes, a começar por *Fenomenologia do Devaneio*.

E foi em um pequeno e essencial livro de Roland Barthes que vim a encontrar a mais radical e convincente declaração de ideias e valores que justificam não apenas a escrita da literatura, como a sua excelência, quando diante da escrita da ciência.

Acreditem que ao ser empossado na cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, no dia 7 de janeiro de 1977 (anos antes, portanto, do livro de Dennis e do meu), Barthes, amigo e cúmplice de Lévi-Strauss nos tempos de recriação do estruturalismo, ousou dizer e, depois, escrever isto. Pois a sua "aula magna" foi publicada e em Português tomou este nome: *Aula*.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusóé há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse lugar indireto é precioso. Por um lado ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que provisionou durante o dia e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir esta distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (2013:18 e 19).

Acredito que um número crescente de antropólogos gostaria de substituir “a literatura” por “a antropologia”, pelo menos no que toca o que vem de “por outro lado”, na quinta linha do final para o princípio da citação.

Entre uma e outra, eu não chegaria aos extremos de Barthes, mas não apenas acredito em quase tudo o que ele escreve (e não só em *Aula*) como, trazendo para a prática da vida o que creio, sigo me dividindo entre a ciência de meus dias e a literatura de minhas noites.

De fato não apenas a mim e a Dennis, creio, mas entre tantas e tantos de nós, em nossa fecunda tribo antropológica, vivemos mais hoje do que nos passado o dilema de convivermos – no campo e fora dele – com o que é vivo, sonoro, afetivo e poético, entre a vida, a pessoa e até a cultura. E depois termos que traduzir entre páginas e páginas de “narrativas científicas” “tudo aquilo”. Faz tempo busco lidar

pessoalmente e envolver minhas alunas com uma *antropoética*. Até agora tenho sido feliz. Alguma delas também.

No velho prefácio de *Diário de Campo* para a edição de 1982, - na verdade uma carta escrita a Caio Graco Prado - eu revelei algumas confidências que quero transcrever agora.

Pois aí vai o Diário de Campo. Tal como disse quando conversamos em São Paulo sobre ele pela primeira vez, aí vai pelo correio essa vontade de pensar a antropologia como alegoria, o que não é mais do que a vontade de escrever, com os símbolos do poema, “o pensado e o vivido”, dos personagens da própria Antropologia: o homem, seus símbolos, seus mundos, sua vida (em tempos em que eu nunca havia ouvido falar em Tim Ingold – CRB em 2016). O diário são as folhas de trás dos cadernos de anotações de pesquisas, viagens e reuniões. São folhas de uma face oculta. Escritos carregados de afeição, que acompanharam ao longo destes anos os outros escritos dos livros que eu fiz, e que nunca conseguiram neles um lugar seu.

Os escritos do Diário de Campo foram escritos sem um plano prévio. Dentro do ofício do antropólogo, acho que afinal eles são o meu diário dos diários de campo. Se o material das tantas folhas escritas deu os estudos de antropologia, o material das últimas gerou esses estudos através da poesia (...)

Quando resolvi juntar as folhas de trás de uma porção de cadernos e reunir os escritos-poemas não foi difícil distribuí-los em pequenos ciclos. Eles já estavam escritos assim. Alguns ciclos são sobre camponeses, lavradores-sem-terra e posseiros do Norte em luta por terra. A mesma gente que habita de modo não muito diverso os meus livros de pesquisas. Outros são sobre essas mesmas gentes, mas agora fora do trabalho e vestidas com roupas de fitas e cantos dos dias de festa (...). Outro ciclo é sobre os índios da Meseta Tarasca. Eu convivi com eles em 1966 e depois voltei lá umas três vezes. Outro é sobre índios que sobrevivem entre as fúrias e artimanhas dos brancos do Brasil. Um último ciclo fala sobre o Chile – Terra de Neruda. (...)

Tudo isso pra dizer a você que os escritos do Diário descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos. Você não vai encontrar nada mais do que já conhece de outras leituras de antropologia.

(...)

Me explico? Afinal, Caio, todas as linguagens são possíveis e a fronteira entre a ciência e a poesia pode ser grande ou pode ser nenhuma. Os gregos que a todo momento convoco para as notas dos poemas sabiam dizer uma coisa e a outra. Sabiam fazer o pensar como o poema e cruzar a pesquisa com a beleza. Sabiam, portanto, dizer o saber como poesia, que das tribos da Austrália às da Academia sempre foi a linguagem mais humana e, por isso mesmo, a mais fácil e a mais difícil (1982: 12 a 14) .

Passados os tempos, sem que eu em algum momento me programasse para tanto, resolvi visitar Barthes, Bachelard, Tedlock e eu mesmo. O resultado desta pequena e inesperada incursão a passados próximos, e outros um tanto mais remotos, foi que reuni de volta alguns poemas meus. Sobretudo aqueles escritos há mais de 30 anos em *Diário de Campo*. E os reuni congregando-os em um outro arranjo que acabou virando o índice e a sequência do que percorrerá quem ainda acredite que depois de tanta prosa e teoria ainda vale a pena viver momentos de mito e poesia.

Alguns escritos desta coletânea de improviso são longos poemas, algo pouco usual sobretudo na poesia de um tempo que acompanha outras tendências de apressamento e vertigem. E, apressada, tende a ser mais breve do que um haicai... se possível. Os mês são longos poemas que escrevi quando vivi por uma segunda vez em terras da Galícia. Grandes demais para uma “página de face-book”, mas de bom tamanho para quem ainda gosta de folhear um livro... mesmo quando virtual.

Fora os poemas de *Diário de Campo*, trouxe para esse *Veio no Vento* alguns poemas em prosa de um livro bastante posterior: *O Caminho da Estrela*, publicado em 2010 pela Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em Goiânia, e também em uma versão galega, 2009 pela Editorial Toxosolts, de Santiago de Compostela.

Finalmente, quando a UNICAMP estendeu a mim uma homenagem que valeu pela reunião de pessoas amigas de quatro décadas, eu me lembrei de cometer uma outra pequena ousadia. Lembrei então de um dos ditos preservados de Heráclito, quando no fragmento 51 ele diz:

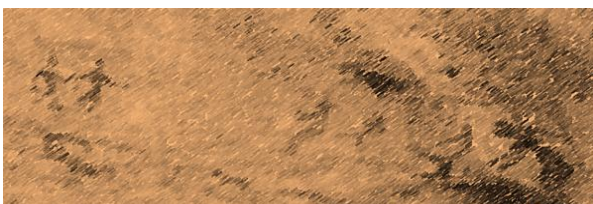
“Ouvindo a voz do logos e não a mim, reconheço que tudo e todos somos um”.

E terminei na Reitoria da UNICAMP uma fala sem leitura de documento escrito, com um longo poema. Nele eu pensei no vento e nas palavras. Nele eu acreditei que sou apenas um alguém por quem passam com o vento as palavras e as idéias que ilusoriamente imagino serem minhas. E quem mais queira saber no que deu, que se arme de generosa coragem e vá até o final deste livro.

Coloquei em um ou dois escritos meus a passagem com que o mesmo Roland Barthes encerra a sua aula, e encerraria a sua vida, poucos anos depois. Ele não apresentou aos que vieram ouvi-lo em sua “aula magna” nenhum ativo projeto de vida acadêmica. Ele anunciou uma espécie de propósito do viver o que ainda lhe faltava de vida. Tendo chegado a uma idade que ele não alcançou, quero concluir estas palavras que antecedem a minha poesia, com o que ele escreveu. E eu assino em baixo.

Há uma idade em que se ensina o que o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe; isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e um máximo de sabor possível (2013: 49)

Rosa dos Ventos Inverno de 2016



O mapa do roteiro

TERRA

VENTO

MAR

RIO

CAMPO

FLORESTA

SERTÃO

TRILHAS

VIDA

NÓS

ELES

OUTRAS

ESCRITA

TERRA

a terra

Misteriosa senhora dos sentidos do homem,
mãe mineral do ofício e do orgasmo.
Não nomeada e no entanto presente
nos solos do quarto onde mulher e homem
traçam no corpo os amanhos do amor.
Ali se misturam no lavrar da carne os sucos dos corpos
entre sinais de gritos e gemidos de alegria e poder.

Irmã da vida, sobre teu manto semeiam os homens
e dele tiram as colheitas de maio.
Ali pois deviam amar. Sobre o solo deitar o dorso
de homem e mulher. Acaso somos outra coisa
então o sumo do fruto do teu gozo?
Ventre da vida, mãe dos seres
sobre quem o mistério tocou com o sopro do hálito,
úmido hálito denso de seiva e sangue.

Orvalhada da noite dos milênios
e mil vezes mais velha que os passos do homem,
que entre as palmas das duas mãos
ele tome a pele de teu corpo morno
e com ela toque o espelho de seu rosto
e entre todos os sete sentidos reconheça
a espessura dos grãos de areia que são
a oficina da origem de todos os domínios,
e sem o que os próprios deuses do mundo
seriam inúteis.

São Luís do Paraitinga

terras

Injustas essas pessoas que com palavrinhas de açúcar e com os gestos mimados entre sedas de ternuras falam sobre flores, a minha criação mais difícil e a mais efêmera. Alguns lavram os talos e dizem que limpam da terra os seus detritos. Esses delicados! Sou mãe da vida, eles sabem, contam aos outros, mas depois esquecem. E se lavam de minhas cores quando chegam nos tanques das casas. Também tenho odores, cheiros que não são para o nariz dos que aparecem aqui com polainas e arminhos. E os cantores da vida e essas aparências de arco-íris postas nas palhetas das flores do campo são para os ardis das abelhas e dos passarinhos. Que eles venham entre os seus voos e o pólen preso em suas patas se misture e fertilize a alma do fruto. Os que buscam o odor das flores pouco sabem que o meu odor mais vivo e verdadeiro é o de mim mesma molhada das águas de outubro quatro dias antes da Lua Cheia. Também eu tenho cores e o que faço é dispor como mãe e feiticeira as minhas flores e depois, do lado de dentro da casca de meus frutos tingir de laranja, vermelho e verde a carne vegetal da vida. Sou quase branca, sou irmã da neve na beira de riachos de areias e águas de cristal. Mas sou escura como a primeira noite do mundo no fundo dos bosques ermos onde aprendi a ser fértil como a água. Sou vermelha aqui e ali, irmã do sangue dos que chegam e colhem de minhas árvores a sombra, a flor e o fruto. E sei também ser, quando é preciso, de uma cor igual à morte, ou igual ao mel.

VENTO

o sul, o vento

Com agulhas de prata polidas com gelo
os ventos do sul varrem a terra desde a Araucanía.
Com finas farpasafiadas nas pedras do Pacifico
eles invadem a cavalo as costas do Chile,
em grandes bandos, cavaleiros errantes
agrupados na costa em milícias de guerra.
Antes de investirem contra os muros do litoral
que os homens edificam e as plantas semeiam,
assobiam e gritam seus gritos de guerra,
lanças que atiram, sonoras azagaias
que afinam e jogam antes de chegar.

Mas quando na terra encontram minérios, plantas e pessoas,
desmontam dos corcéis de que eram e montavam a pelo
e deixam sobre o chão as lanças de seus dedos.
E se dão as mãos, ventos austrais,
e cercam com o alarido de flautas e tambores
as casas dos homens, os seus medos.
Sopram nos currais a pele dos viventes
e se trançam sensuais como o fio de cem novelos.
E se vestem de mantas, panos e velas infladas
que a tudo cobrem e acalentam.
E como são cinzentos no outono
três em cada quatro dias do mar do Chile,
os seus cantos são tristes sons mapuches,
e são tristes os homens, mas altivos
dia e noite erguidos em bronze contra o vento
e seus hinos ferozes de gritos e frios.

*Punta de Tralca
31 de março de 1982*

pinheiros da costa

Os pinheiros existem como sentinelas.
Os chilenos os plantam e os plantam os pássaros
para que do torreão de pedras onde crescem
espreitem e vigiem o mar e o vento.
Para que dos altares de pedras onde rezam
celebrem a vida da terra: seus mistérios.
Crescem e desde pequenos são soldados em fila
na primeira linha das guerrilhas que entre si travam
há milênios de milênios a terra e o mar.
Se armam de raízes minerais de aços claros
e mesmo os galhos que apontam são minérios,
espessas folhas verdes que nem o vento austral arranca,
facas afiadas que contra o vento esgrimem.
Aos gritos com que multiplicam os uivos do vento
avisam aos homens da costa a chegada do inimigo.
Mas não existe silêncio mais denso que o das alquimias
das seivas que as raízes que têm bebem do chão
e fazem viajar do tronco aos altos galhos,
bandeiras de um verde escuro hasteadas na costa,
ao vento armadas e que à noite tremulam seus sinais de luta.

Isla Negra

o vento, a casa

Primeiro passou em tua casa
 Este vento que agora vai e varre
 a lombada do morro e o capim gordura.
 Florido em março ele balança, e a dança
 do vento abençoa o que embala
 bailarino entre a noite e esta manhã
 De tua casa o vento trouxe aqui
 um certo odor de café, de menta ,de hortelã.
 E para um momento, e atento escuta
 O passar do vento que te ensina
 que como o vento a vida é tudo, menos vã.

Campinas/Bassano del Grappa

ventos

Primeiro vieram as eras em que uma palavra dita entre dois ficava suspensa no ar por uma noite inteira. Vinham os sinais do dia, os ventos, os clarões do trabalho sobre a terra em que o sol da manhã se refletia nos pássaros, no ladrar dos cães, no marulho das águas movendo moinhos, no alarido das crianças a caminho da escola e no cair de dois ou três frutos maduros no chão. Vinham, e o que era dito perdurava como um recado, um poema, um indicar do rumo por onde se vai. Ficava ali suspenso no ar, como um canto, como um grito. Dizem que quando um dos homens daqueles tempos morria, aos sete dias o seu corpo desaparecia de sob a terra. Acostumaram-se a crer que nela eles se consumiam sem deixar vestígio algum, e os sumos em que se transformavam nutriam as raízes das árvores. Nunca se soube, no entanto, mas assim se cria. E algumas

árvores daqui se diz que têm mil e mais anos e parecem eternas. Um deles um dia quis ensinar aos daqui os artifícios de silenciar o vento. E os ventos vinham do mar e no aço dos cumes das ilhas do Norte afiavam os dedos antes de passarem gelados por essas terras de montes altos. Os nossos antigos corriam a esses altos com altares. Iam primeiro os homens e, depois, as mulheres sem filhos ainda. Iam armados e contra os ventos brandiam foices e facas e instrumentos de lidar com o feno. Gritavam palavras aprendidas, fórmulas de exorcismos de que a raça dos nossos não lembra nada, a não ser um nome de mulher *Águeda*, e o costume de riscar com bastões no chão três círculos, como se um aprisionasse o outro. E costumavam sacrificar cordeiros sobre aras de pedras e atirar pelos e o sangue aos ares. Mas alguns ventos passavam e derrubavam casas e arrasavam montes. Foi quando veio de longe um outro. Ao verem os nossos em desespero, em tempos quando os ventos semeavam os horrores, levou-nos ao lugar mais alto e disse aos homens: *tentai daqui todos juntos; vede se conseguis parar os ventos!* E sabendo que não eram capazes, de tanto, como de fato não foram, e vendo as lágrimas nos olhos dos mais velhos, ele disse isto: *um gigante competia com um menino. Atirou aos céus uma pedra tão alto que ela demorou três dias para voltar. O menino abriu as mãos e soltou um passarinho. Ele voou embora e não voltou nunca mais. Não podeis deter o vento, homens daqui. Mas estais de pé! Podeis resistir e podeis permanecer. Ele passa e estais aqui. Com essas mesmas armas que levantais impotentes contra o vento, sabereis reconstruir cada coisa que com o seu sopro ele deita na terra. Eis como a cada vez podereis vencer o vento!*

Desde então os homens daqui ensinaram uns aos outros a não armar mais as armadilhas inúteis de linho e pedra contra os ventos. Mas a cada vez repomos juntos de pé a desordem de sua passagem. Reerguemos muros e hórreos. Reparámos janelas e lareiras. Replantamos hortas, ervais e campos de trigo. Enterramos os mortos entre cantos. Cortamos as partes das árvores caídas e com a sua madeira fazemos sapatos, carros de bois e instrumentos de trabalho. Aprendem os ventos? Não sabemos. Mas de era em era eles nos voltam mais mansos, sem as fúrias dos primeiros tempos. Alguns, suaves como a brisa que mal balança no varal as roupas, nos ajudam a espalhar sementes pelo campo.



MAR

diante do mar imenso

Era o mar. Era a era em que a praia parecia de uma casa o seu quintal. O mar imenso, o oceano, o outro lado onde o que existe se some no horizonte e o horizonte é de água, céu e sal. E, no entanto, entre as ondas o meu corpo de garoto magro e sem destino brincava de ser deus, de ser eterno pois é eterno tudo o que é menino.

A morte estava ali, e alguns morriam, e o mar os navegava ao infinito e o vagar dias apagava quem se ia. E no mar eu vagava como um fauno que se veste de algas pra bailar como quem faz do que faz um gesto, um rito sobre o azul que com o azul o mar se pinta, e sobre a tábua frágil navegava a onda entre o mar sem fim e o fim do mar até aonde na areia o mar se finda*.

* A palavra “tábua” aqui não é apenas uma metáfora. Falo das pequenas “tábuas de jacaré” com que, muitos anos dos surfistas, navegávamos nas ondas do mar, desde a “arrebentação”, onde desde tempos imemoriais as ondas “quebram”, até as areias da praia. Isso quando não “encaixotávamos” em uma mal “pegada” e vínhamos aos trambolhões marinhos até onde ela, já pequena e mansa, nos deixava.

e agora longe, quando eu me vou

Amei o mar.
 Foi quando era menino
 e molhava os pés na água e era anjo,
 e voava sobre Copacabana
 carregando uma estrela em cada asa.
 Gostava de andar pelas areias
 ali, onde a onda se termina
 e desenha na praia o meu destino.
 O mar não era mau nem inimigo
 e morrer nele era morar em outra casa.
 E agora, longe, quando eu me vou
 por caminhos onde há vales e veredas
 é o mar que amei quem vai comigo.

Tudo o que vem se move

Agora cada vez me vem o mar.
 Guardador de outonos, eu me espanto
 de olhar para trás e me ver vindo.
 Era ontem um tempo inacabado
 e então eu relembro quando é noite
 e do alto do céu Órion me fala:
 é noite ainda, e era noite outrora.
 Venho de um tempo quando eu era vento
 e viajava em maio de um país a outro.
 E hoje, quando há vento, do alto deste nome
 vejo que a noite, o tempo, o mar e o vento
 tudo o que vem se move, menos eu, agora.

uma ilha-barco aporta para sempre

Uma ilha como um navio ancora aqui.
Derruba velas e pede a paz ao vento.
Deixa que a areia banhe a sua proa,
brinca de ser porto quem foi trilha
e acolhe nos mastros as gaivotas.
Uma ilha-barco aporta para sempre
e se cobre de ninhos e paineiras
e de mangues e de praias, de capelas
e de festas de santos padroeiros.
Uma ilha é um navio que não navega
e acolhe a cada dia um navegante.

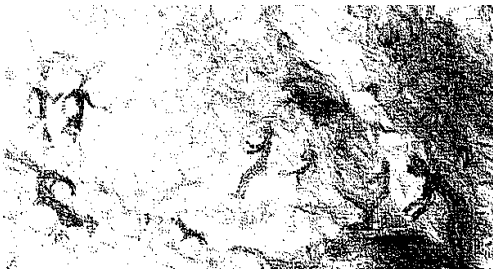
o mar, o mato, a vida

O avesso do mar
é o mar ainda.
E o cinza que a tarde
pinta quando finda.

Nem azul nem verde
nem claro nem limpo
esse avesso é o triste
do escuro que existe
na noite. No azul-roxo
que o seu pincel risca
quando faz a escrita
do amor quase infindo
do querer envolvê-lo
com um novelo azulíneo
por baixo e por cima.

O avesso da vida
é a vida ainda.
Um lado é o outro
e a ida, a vinda.

7 de janeiro de 1981
Itatiaia



RIO

seca/cheia: dois rios do norte

No espelho da seca o Itacaiúnas
monta castelos de pedra. Pontes
que o passante cauteloso atravessa
de um lado ao outro do rio a pé.

O Tocantins arranca do seu leito
roçados de quintais de areia,
um outro rio ao lado, criando praias
que junto ao rio correm até a cheia.

Em setembro se veste o Itacaiúnas
de um manso riozinho de lavadeiras.
Os meninos tratam o rio como riacho,
como um irmão, um igual de cama e mesa.

Maior, o Tocantins nem por isso mesmo
faz as lonjuras do oceano que esconde
até quando, depois das águas de janeiro,
encosta o corpo no pilar das pontes.

Sobem juntos os dois rios na cheia.
A tudo inundam de águas e refazem
ilhas do que era há pouco continente
e das ilhas, jazigos de ave e gentes.

Marabá entre os dois rios afina ainda
a fina língua de terra de que é.
E do que sobra sobre a água junta
seus vivos: os seus salvos da maré,

uma gente do sul do Pará, acostumada
a existir entre os rostos opostos dos rios
os tempos de marido-e-mulher e cheia-e-seca
que água e areia tecem com os seus fios.

Marabá — beira do Itacaiúnas e do Tocantins
30 de setembro de 1981

Chaviello

Os riachos dos montes movem águas. Eu movo moinhos. Por três séculos o meu passar de lágrimas límpidas, saídas frescas da raiz da terra, moveu a mó da vida. E que entre o gesto religioso do moinheiro e o cantar rouco da esposa em misturasse as minhas águas ao girar da roda e seguisse monte abaixo misturando águas e farinhas, isso era a minha alegria. Em busca do Tambre e de outros rios de perto, em terras baixas da Galícia os riachos das pequenas serras do sul ecoam o ruído de seu cascalhar entre pedras polidas. E as pedras choram no passar do rio o não poderem, como as folhas caídas no outono, viajar com o corpo da alma até o mar. Eu, o Chaviello, pequeno riacho, sei misturar o marulho de meus sons de águas breves ao canto das rodas dos moinhos de pedra que os homens ergueram aos dois lados de minha trilha. Atravesso aqui ligeiro e único e faço girar rodas e destinos. Há um pouco de meu cantar nos pães que as crianças comem nas aldeias. E o sabor do correr das sementes que eu carrego monte abaixo tempera o riso das moças de longas saias. Em manhãs de raro sol algumas vêm lavar em mim as mãos cobertas da poeira branca do pequeno milagre de que as avós depois assam nos fornos a matéria da vida. Os outros são regatos de peixes. Eu, de pão.

inventário

Seco, sem ares e vidas da vida
 tudo resseca neste ar de outono
 e o que é igual ao que não é, azula
 e no escuro do escuro do que existe
 cresce no altar do vento a ara do tempo
 e sobre o solo da alma a água apruma
 o seu se ir de rio em rio caminho afora.

E é tarde e chove e cai um raio, e um outro
 acende o céu, e o céu aclara a noite clara.
 E cada estrela é como a espera de outra
 e o sol da luz lembra ao olhar do homem
 que uma vela só clareia o mundo.

o que do rio o vento sabe?

O que sabe o rio do barco que o navega
 e de uma margem a outra o atravessa?
 O que sabe do rio o vento norte
 que toca a vela e move o barco e o rio?
 O que sabem da ave que ali voa
 o barco e o rio enquanto a sua sombra passa e pousa?
 O que da ave sabe o pé de ingá que na outra margem
 acolhe o ninho e de longe embala o vento
 e vê o barco e o rio e a ave e o tempo?
 E o tempo, rio por ondem fluem o barco, o rio e o vento
 O que ele sabe da ave, do ninho e da árvore
 e de tudo o que há para viajar e ver,
 e nele navegando como quem veleja
 faz o próprio rio do tempo acontecer?

Tambre

Águas de memória! Depois de dobrar a nona curva a caminho da geografia de um rio maior do que eu a caminho do mar, os rios de outras terras costumam esquecer o chão de onde vieram. Eu, nunca. Viajei demasiado até aqui e das minhas origens de nada esqueço. Vejam. Agora mesmo estou para chegar com minhas águas à barragem que por um momento acalma o meu ardor errante e aprisiona a ilusão de que eu me tornei um lago. Não esqueço nada. Reconheço de minhas margens o rosto verde e havana refletindo a figura debruçada de cada árvore, de cada ave, de cada alma de nuvem. Gosto de recordar, meses depois de um dia primeiro, o passar ligeiro de um bando de patos em viagem às águas mais quentes das paragens da África. As cegonhas que por momentos me atravessam aos voos na viagem de ida e, meses depois, no longo tempo do retorno, do alto me espiam. E saibam que eu nunca mais esqueço a filigrana de seus voos. Os rios do acaso viajam entre serras e terras de planura uma efêmera e fácil geografia. Eu movo as águas escritas de minha inapagada história.



CAMPO

os montes de Michoacán

Aqui os montes não cercam as cidades
com pedras e aços como muros à volta de tudo.
Aqui de dezembro a janeiro os montes são verdes
e mesmo quando altos eles são os roçados
onde o índio planta o milho
de que a vida tarasca vive
a lavoura dos seres de *pueblos* e *pueblitos*.

Os tarascos convivem com campos
cercados de pedras de que fazem muros.
Convivem com os grandes lagos da Meseta
e se neles há ilhas nelas se metem
e ali habitam com os seus bichos o tralhas.
Sobem morros, montes de Michoacán,
serros da cercania e ali fazem casas,
fazem *pueblos* e campos de plantio.

Caminho de Tócuaro

entre as roças, o pueblo

Em Santa Ana a lavoura
dorme e acorda com o *pueblo*.
Diversa dos outros que a um canto
se afastam pra fugir de seus pastos
e dos campos que plantam os índios,
Santa Ana se deixa invadir das tropas
das roças de milho e alfafa,
de tal sorte que mesmo as ruas e as casas
parecem haver sido semeadas.
Cultivos entre outros de Santa Ana Chapitiro,
de seus campos, roças e roçados,
de que são os homens a lavoura
que a terra planta. E suas casas
e os sonhos de camponeses purépechas
e seus bichos do cotidiano, e seus deuses.
Semeadura também, frutos iguais da mesma terra
que depois de nascidos ao sol, no chão,
os homens comem e de novo plantam e colhem
no roçado difícil do coração.

Santa Ana Chapitiro

pássaros

Antes, quando não havia o relógio, éramos o anúncio das horas, os senhores do tempo. Desde a madrugada cantávamos e o sol surgia. Dizíamos aos campos e aos homens, com a canção e o silêncio, os intervalos do dia e o fluir de seus momentos. Com a direção do vôo desvelávamos aos camponeses os ciclos do ano. Eles nos ouviam atentos para acordar, para lavrar a terra, para comer, para amar e adormecer. Vendo em nosso voo a vestimenta das eras da vida, sabiam quando semear e quando colher. Sabiam quando acasalar e quando morrer. A Primavera aprendeu com o nosso retorno do Sul a voltar também. Não era o Inverno quem nos fazia aos bandos viajarmos às águas do Sul. Era através dele que os ventos do Norte, errantes como nós, aprendiam a trazer dos céus a neve branca. Entre nós, os pássaros e os homens do campo de um tempo anterior havia esse acordo. Nós sabíamos do velejar dos instantes e eles traduziam o saber de nossos cantos em palavras de sua tribo. Juntos criamos a poesia. Dissemos a eles, como entre amigos que o passar dos anos não faz esquecer: *para nós o Sul nos basta. Mas é por amor a vocês que enquanto houver em alguns dias de setembro uma manhã acolhedora do sol, aqui estaremos de novo, uma outra vez. Aqui, de volta.*

trigo

Agora, como é setembro, quero dizer estas palavras. Antes, quando era então, os velhos da aldeia acorriam com as mulheres e os filhos aos meus campos. Era a idade da terra em que o trigo era livre nas leiras das lavouras e copiava do sol o tom do ouro. Esses ruídos de máquinas não se ouvia em parte alguma, e o mugido dos bois atrelados aos carros eram como um navio ao partir de um porto em maio. Alguns de nós, os mais jovens, quase sempre, gostavam de se imaginar os mestres do tempo e da matéria, apenas porque havíamos conseguido trocar por ferro e aço a ponta de madeira dos velhos arados. E era quando, mesmo sendo pobres, trabalhávamos cantando. Por isso eram mais doces os pães que as mulheres assavam nos fornos de lenha. E quando com as suas mãos suaves e sem calo algum o padre que vinha até estas aldeias e elevava em direção à cúpula de nossa pequena igreja um pequeno círculo de pão branco, feito de trigo, anunciando que aquilo era o corpo de um deus, os outros abaixavam ao chão os olhos. Eu não, humilde e crente, mas sabedor de nós, eu queria olhar de frente aquilo e dizer aos meus e aos céus, como uma prece, como uma benção: *arei, semeiei, cuidei e colhi; que agora Ele me olhe face a face!*

gadanha

Esses de mãos rudes, com as palmas marcadas como a geografia de um deserto e as juntas dos dedos feridas de calos, fizeram de ti um símbolo da morte. E és, entanto, uma tão aguda invenção da colheita da vida. Acaso não é luz a chama azul e laranja onde a mariposa toca o desejo da asa e morre? É no teu aço afiado em pedras duras que a seiva da planta vê o seu rosto. Gadanha. Um gesto e foi-se. Um breve passar e pronto. Depois, que as mãos de mulheres de negro ajuntem em linhas ao longo dos verdes esses feixes de afeto. Os corpos que te tomam nas mãos para os ofícios da poda trabalham e, entanto, bailam. De um lado para outro balança para um lado e o outro o dorso de quem ceifa com teus aços aos sons de Pã, e corta rente ao chão as flores da erva. E quem te teme, por causa de algumas más imagens, teme também o vinho, a vida e a profecia. Pois antes de teu passar por esses campos de alfafa veio o tempo da sementeira e do cuidado. Por isso a aurora, a chuva e o arco-íris. Por isso o mês de maio e o odor do feno. Pois aqui estiveram, entre cantos esquecidos hoje, os que atrelavam no dorso dos bois um arado anterior à missa e à ladainha e escreviam nos chãos da primavera esses poemas. Depois, os que te tomavam entre as duas mãos esperavam em vigília o passar da noite, de olhos presos na cera da vela dos calendários. E bem antes do ofício de colher eles sonhavam esses ritos sagrados de fúria e sacrifício. Agora, se em nada mais de tudo o que há, nisto crês, chega rente o ouvido ao fio da terra e escuta. Não ouvirás aqui mais do que um suave cantochão de monges, como se de muito longe. Lembra-te deles quando repartires nas cortes sob a casa de pedras o comer das vacas. Pensa neles quando na ordenha ouvires cair nos baldes o fio do leite branco de que se faz a vida e o queijo. Pensa neles, quando em casa, depois das preces aos santos, colocares como quem comunga sal e pão na sopa.

madeiras

Quando eu era um menino comecei a aprender esses ofícios. Primeiro, ao fazer o meu criar, errava três vezes em cada quatro. E o meu mestre de artes vinha e me dizia assim: *este é um ofício que entra pelo corpo!* Ele me falava olhando a madeira e não eu. Eu era então uma criança e queria ser perfeito sem precisar aprender. Levei tempo para saber que o saber chega como a cereja amadurece. E o mestre vinha e me via suado de labor e ódio entre as minhas mãos imperfeitas. E me dizia: *Primeiro se aprende o que já se sabe. É quando se deseja que as matérias do mundo sejam como nós. É quando se anda pelo caminho da ciência. Depois chega o tempo em que se aprende o que não se sabe. É quando se começa a percorrer a senda da sabedoria e se descobre que a madeira é a mestra das mãos. É ela a sábia e quem trabalha o seu lenho, o aprendiz. Ouve. Escuta! E quando houver entre tuas mãos e ele um silêncio anterior à prece, ela te dirá por onde ir. Pois ela é quem diz ao artista o que criar quando se faz de um tronco de carvalho a figura de uma mulher ou um santo.* Hoje sonho ser cobre ou água, muitas vezes. E acordo no meio da noite e digo a deus: *se existes, transforma-te em madeira.* Quando os magos me falam de iluminação, lembro esses sonhos. Deus é uma forja onde tudo é sempre o mesmo e um outro. *É o ofício quem entra pelo corpo,* o meu mestre de artes me dizia. Muito depois eu vim a saber o que era isto. E entalhei no corpo estes calos da polpa da palma das mãos e dos dedos.

Quando ele morreu e chegou a minha vez de ser velho. Nunca viajei. Aprendi a ser dócil aos meus gestos de ermitão e agora sei: a madeira é quem me faz. E foi assim que aprendi a crer no deus dos monges que antes e depois de orar trabalham com a terra, a pedra, o barro e o tronco caído das árvores do campo. Os que apenas estudam e dizem preces apoiadas em mãos finas enquanto pronunciam palavras estranhas sobre uma taça de ouro lavrada para o vinho, não conhecem o passar de Deus. Falam do que creem sem saber, sem sentir. Pois a face de Deus tem corpos e a cada dia são mãos como as minhas que talham com amor o perfil de seu rosto. E se algo é eterno, há de vir de mãos gastas com ternura gastas na madeira, como as minhas.

vinhos

Faz lá fora o frio dos tristes. Mas aqui, nós nos encerramos entre paredes de pedra e juntos tomarmos juntos ao redor do fogo este vinho escuro. Um dia ele fermentou evangelhos nos porões de nossas casas, e agora é por ele que dizemos aos outros: *vem, senta aqui!* Ele, vinho das uvas de maio é por quem andamos sob as luas crescentes perguntando a Pã pelo açúcar da mãe-terra. Assim, navegantes, aqui nos congregamos com na nau de Ulisses rumo a Ítaca. Como em um templo grego dedicado ao ardor da vida. E bebemos entre brindes ruidosos em copos largos de barro e sonhos esta espessura das águas entre a lágrima e o sangue. Não porque seja bom. E é bom. Mas é porque sorver dele aqui, quando juntos como agora, nos salva do esquecimento. Sozinhos e infelizes bebem os que querem esquecer.

Nós, congregados ao aperto dos corpos, celebramos ao beber e bebemos para recordar. E como levamos a sério algumas lições da morte, em nome dos que amamos sempre e que se foram, bebemos o vinho enquanto estamos vivos. Quando a noite chegar - e isso nos lembrará alguém de nós ao olhar o tempo perto da janela - será a hora da sementeira. Quando chegarem à aldeia os escuros ventos vindos do mar aberto e o amargor do sal, as suas mãos de vidro não nos haverão de gelar o rosto.

Ergueremos à vida os copos. Haja vida! E apenas quem estiver aqui e ousar dizer conosco essa palavra poderosa de magia: *agora*, estará a salvo. Fora as mulheres a quem bastam o chá, os chalés e as lareiras. Eis a palavra entre todas a mais terrível. E é preciso pronunciá-la cercado de outros, à volta da mesa, entre ritos muito antigos. Pois só de dizê-la como num conjuro, como numa prece, o tempo presente pode conjurar os tempos e permanecer sempre. Como o vinho perfeito guardado em boa garrafa e numa adega longe do furor do passar dos dias. Eis o grande perigo que imaginamos vencer aqui, entre vozes e vinhos: estabelecer como por um engano a eternidade antes do tempo. E, assim, perder para sempre o direito ao efêmero, em nome de quem enquanto bebemos entre nós o vinho tinto, sabemos que somos a um só tempo os filhos e o destino.



FLORESTA

chuvas em Belém

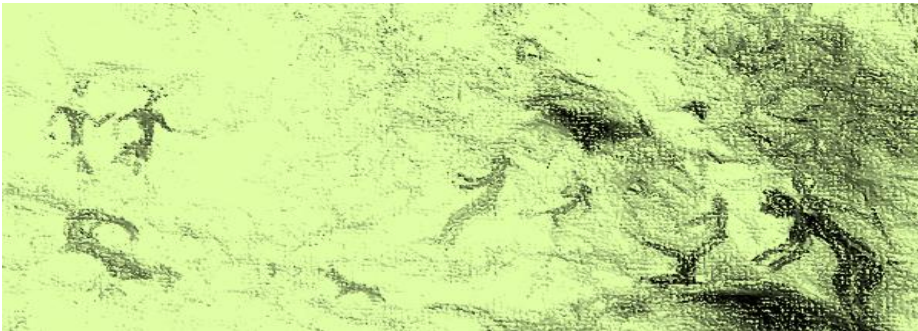
Vi como a chuva cai em Belém do Pará.
Como os ventos minerais do firmamento
convocam de repente, a sons de tropas,
a procissão de nuvens e a banda de raios
dos quatro pontos cardeais.
Eu vi como a pena de um artista
o céu azul veste de uma capa cinza
e pinta de mais cinza o cinza dessa capa.
Vi como então o silêncio de um momento
desaba em Belém do Pará os tambores
da orquestra da chuva que batucam em coro
o couro das telhas dos telhados.
Só os homens correm nessa hora — e não são todos.
Os bichos e outros viventes de Belém: plantas,
aves do céu, espíritos dos mortos e dos que não morrem
e vagam vagarosos nos remansos dos rios,
esses recebem a chuva em paz, sem assombros,
como na minha terra ao Sul às seis horas
se assiste aos brilhos de festa da Estrela d'Alva.

Belém

19 de setembro de 1981

pinheiro

Feri a ponta do dedo no arame da noite. Depois me tornei todo isto: farpas e alguns frutos duros que os esquilos roem no meio da noite, quando os homens dormem e não há perigo. Eles oram nos ocos de meu corpo e por isso entre nós, altaneiros nos montes e essas peregrinas presas das raposas existe um amor infinito. Vocês duvidam? Pois saiam da frente das lareiras e do vinho tinto nos escuros de janeiro e venham até aqui! Dos segredos da noite, quando tudo é frio e escuro e uma claridade silenciosa emerge da aura dos campos, as pessoas que dormem entre janelas cerradas não conhecem coisa alguma. E assim ignoram, entre seus sonhos de adolescentes, três quartos dos mistérios do mundo. O outro lado da vã ciência e da arte vive no saber dos seres que fincam na noite os dedos e a boca na terra e arrancam dali os sucos de que os homens vivem.



SERTÃO

do alto sobre o cerrado

Há um duplo tapete de artesanão
estendido ao vagar dos olhos
de quem viaja ao pôr-do-sol
sobre o Cerrado em setembro.

O avião voa acima do cinza
do bordado de linha feito a mão
que o horizonte costura
e a tarde pinta.

Uma colcha de ruas e avenidas
que o mago das seis horas traça
a lápis, retoca e depois tinge
com o pincel rebelde do arco-íris.
Do branco de noivado ao verde-sonho,
do verde ao roxo escuro da quaresma,
esse pintor da tarde tece a tela
que do avião se avista da janela.

No chão da terra o olhar atento
vê o tapete dos barros dos Gerais
que as chuvas de dezembro repintaram
na paisagem que junho deixou ocre.
Entre montes pequenos e outros montes
há por toda a parte ali sinais dos homens:
campos de pastos e campos de plantio
que a altura do voo torna planos.

Ali é um jeito humano quem cobre
a tela dos alqueires do Planalto:
o Havana escuro da fina geometria
da escrita do arado sobre a terra,
sob o molhar da chuva, do sereno
que em tudo desvenda um tom mais denso:
o verde tenro do milho de novembro
e o verde escuro do milho quando adulto,
o amarelo-palha do seco fim da safra
antes que ao campo dissolva o alaranjado
do fogo das coivaras e seus ventos.
A tudo a seu tempo o viajante assiste
de um voo à tarde sobre o reino do homem
e sua mania ancestral, estranha, acesa,
de plantar e pintar tudo o que existe.

entre Minas e Goiás
20 de setembro de 1981

sertão, sertões

Aqui é um lugar avulso
que ainda não foi feito
por isso alguma coisa sempre
continua acontecendo.
Mesmo quando é meio-dia
o sol é quente e incendeia
almas do mundo e das gentes.
Mesmo quando é mais tarde o dia
e a vida parece parada no ar.
Aqui é um canto esconso
da esquina do estranho. Um rumo
que não foi trilhado ainda e onde
tudo o que veio existir de vivo —
o corpo da terra, o mato, bichos
e pessoas — existe devagar.

*Santo Antônio dos Olhos D'Água
23 de janeiro de 1980*

alguns fogos, algumas roças

Quando amonta na mula amansada do vento
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira
o fio da coivara é uma linha fina
de um tecido de algodão laranja
que a brisa mansa do sudeste tece
e a palha seca do cerrado empina.

Um fino fio carmim de fogo ralo
noite após noite costurando a colcha
de um arvoredado seco e ressecado
que cobre encostas de serra e pedra
por onde a custo sobe o fogo do alfaiate.

O oposto dele é o fogo de armadilhas
que apronta o guerrilheiro seu irmão
quando desce a serra entre matas e grotas
e contra a espada dos capins do pasto
aponta e atira facas de aço em brasa.

Cavaleiro que a onda de si mesmo
à noite monta e na manhã cavalga ao vento,
fogo-potro bravio a galope em disparada
contra o verde e o seco. Guerreiro
irado com a sua foice erguida
cortando a fogo os fios do mato vivo.

*São José de Mossâmedes
27 de janeiro de 1982*

o clarão da noite no sertão do Rio São Francisco

Vindo cedo a noite agora, veja:
quem veio acompanhando ela?
Quem veio ver o seu clarão de luzes
penduradas no espelho da janela?

Cobre de cobre a tela das estrelas,
a noite e as suas cores de aquarela.
E quem olhar atento o céu do chão
verá que nele a cor do claro se desvela

Como o laranja do pano da flanela.
E brilha o vaga-lume desta noite
e como é noite sem lua e sem estrelas
brilha da luz que sai de dentro dela.

Na noite de chão claro um arco-íris
colore de cores o branco de uma tela,
e quem espia o rosto do sol posto
verá que há bem mais cores que o amarelo.

O sertão do São Francisco é todo luz
como a água clara no fundo da gamela.
Como a criança que ri do que era sério
e alegre o mundo com a alegria dela.

O chão de maio é um saco de quirela
que, aberto, derramou milhões de luzes,
como as da roupa de um palhaço velho
esperando o teu olhar pousado nela.

Como a mulher que de branco cobre a mesa
e em cima do branco acende a vela.
E é noite e ela espera quem não vem
e deixa a vela acesa enquanto vela.

E a noite clara clareia o chão da noite
como a roupa de uma noiva de novela.
Mesmo sem a lua a noite se rebrilha
e até o ipê roxo de tão roxo se amarela

Veio a noite e você não veio nela
Ah! Lua clara, clarão da clara noite!
E hoje o céu veste nuvens cor de nuvem,
E eu sei que você brilha acima delas.

e de longe, de repente, o que se via

Lembro de quando
um boi vinha na estrada.
Era manhã e o sol de março era
como um céu azul de meio dia.

E então era em Minas
a estrada estreita e antiga
por onde o boi viajava e vinha.
E de longe, de repente o que se via
do alto deste canto em Minas,
era um boi parado numa estrada
e uma estrada que pelo boi caminha.

a lua clara

Lentas as nuvens escondiam
o que da noite parecia o dia.
Lentas as nuvens ocultavam
o rosto de luz da lua amiga.
E entre o surgir e o se esconder,
(como a mulher que à noite
é bruxa e ao dia é fada)
é a lua mesma quem semelha que viaja
como um barco de velha vela antiga.
E o céu ora escuro e ora claro,
onde tudo parece adormecido,
assiste ao lento viajar de prata
da lua. Clara lua. Lua vaga.

a lua vaga

Lua, vaga, vagarosa lua luminosa
 a sua viagem de prata o céu colore.
 Luminosa lua vagando no céu claro
 que em seu vagar devagar o céu clareia.
 Até quando Vênus e as estrelas do céu
 apagam a luz de suas velas
 pra brilharem com só a luz da Lua Cheia.

a clara lua

Clara, a clara lua se ilumina
 e de claro colorida tece a manta
 que entre o alvo do sal
 e a mandioca, quando dela
 é a farinha branca só o que resta,
 cobre o corpo de rara prata fina
 da lua e do luar de sua festa.

E de branco e amarelo
 fiada, tecida e revestida a lua
 da luz do sol que ela reflete,
 é de ouro e brilha a sua veste
 de luz com que ela se toda se tatua,
 e depois de plena luz
 da luz se cobre e se reveste.



TRILHAS

e cai a noite e é noite

Tenso, lento e lasso no meu passo
me penso e repenso e em barco embarco
e no casco ele tem um nome, e ele é o meu.
E cai a noite e é noite e acendo a vela
e ergo a âncora e do porão abro a janela
e dela vejo a trilha da água além da quilha
como quem nada vê do que assiste.
E espero quem não vem... e era ela
(mas quem? que nome o dela... o seu?).
Nenhum mapa me fala de qual ilha
sem nome com que sonho e não existe.

E nem sei se em mar aberto ou se em laguna
viajo ao redor do mundo ou à outra margem
de um lugar que não há em parte alguma
e se há ele se esfuma e flui e é miragem.
Não sei meu rumo e me aprumo e subo à Gávea
que é do barco e é de pedra, e eu escalava
Quando era jovem e o Rio sorria e um Deus havia
E do alto da montanha me falava.

de um trem mineiro

Só um trem caminhando noite adentro
e entrecortando a manhã das estações
divide a noite e o mundo
em pedaços, meio a meio
entre os trilhos da tropa dos vagões.

Só em rumos de trem vereda afora,
viajantes do mar até o sertão,
há vidraças abertas e há vigias
dos mistérios do vento às virtudes
de viajar entre o rio e o coração.

A moldura do trem aberta invade
as pautas do ponteio dos Gerais,
as aves piam, o trem escuta, o sol se esconde
há uma curva depois de cada curva
e outra curva depois de cada ponte.
A noite é o que o trem inventa dela
e xilógrafa no quadro da janela.

Há um pouco de trem em cada coisa
que o viajero avista na vidraça.
As imagens de há pouco são o que resta
do que o trem risca e rabisca *sob* e *sobre*
os alqueires do céu de cada terra
por onde passam o trem e a sua festa.

Entre Campinas e Uberlândia, depois do Rio Grande
5 de agosto de 1980

voos a oeste

No tempo em que as coisas eram feitas para o homem
os aviões voavam baixo e do alto se via a olho nu
a repartição do reino dos seres do mundo:
as matas que por milhões de eras cercaram o homem
o eram agora cercadas por eles e a lenta
demarcação dos seus territórios de conquista.

Aquele foi um tempo em que o homem e a terra
Estavam sempre em luta e se amavam muito.
Muitos anos mais tarde quando os voos a oeste
Voavam roçando o topo dos morros
era possível vislumbrar do alto
os estragos do amor e os afagos da guerra
que entre um e a outra sempre houve.

Pelo vão das nuvens, em voo de vizinhos
e via então sobre aqueles terrenos de batalhas
entre os filhos do homem e os matos,
frutos do amor secando ao sol.

*entre São Paulo e Goiânia
14 de fevereiro de 1982*

caminho

Houve um tempo quando este Caminho da Estrela passava perto daqui e ia até ao lugar a que os antigos chamavam *Fisterra*. Ali era o fim-do-mundo e, depois dele, o grande mar-oceano sem fim existia até águas de um lugar qualquer. Foi antes. Eram tempos em que os homens mediam o vagar dos anos com o passar das estrelas e, as mulheres, com areias. Era quando se podia crer em Deus e imaginar um Céu acima daqui muitos degraus de escadas infindas. Pois as terras por onde passavam gados de cor havana e também os homens tinham uma vida quase igual e conviviam com os bichos, a plantas e as pessoas por entre outros verdes de outros tempos. Ao longo do caminho por onde a manhã acendia o desejo de partir e a noite, o de chegar, o anunciado Reino de Deus era suave e existia em nossas almas de camponeses rudes e entre essas planuras e montes de cavalos selvagens. A palavra *peregrino* não existia ainda, e os anjos sem medo roubavam maçãs nos pomares dos homens. Isso foi muito antes da era em que, longe daqui, alguns homens e mulheres ardiam em fogueiras por causa de três palavras, e os magos lavavam do rosto pinturas de cor ocre e escondiam das filhas os segredos da vida. Foi quando a cada lugar demarcado ao longo do Caminho da Estrela correspondia o exato brilho de uma única luz do Céu a uma precisa hora da noite entre Março e Maio. Alguns velhos costumavam então acreditar que se entre os Pirineus e o Cebreiro alguém na noite estivesse ali, no lugar exato sob o brilho a prumo de uma estrela, teria a vida eterna aqui mesmo nesta terra, entre essas pedras. Alguns foram e não voltaram nunca. Eram aquelas as eras, e de muito longe chegavam levas de pessoas e aos seres da terra e do oceano alguns pastores ergueram altares de uma pedra escura que se procurardes

bem, podereis encontrar ainda em ruínas. Então, depois foi quando surgiram outras palavras e, juram os de antes, algumas outras estrelas de um misterioso rumo. Para algumas delas até hoje faltam nomes. O Caminho da Estrela passava por vilas e terminava além do *Fisterra*. E além do mar não se sabia até onde ou quando, porque dizem que quem até lá foi, não voltou nunca mais. Depois vieram de mais longe outros homens, magos de outras terras, vestidos de negro, com bastões e cruzes. Em uma língua estranha aos nossos de então eles disseram que o Caminho da Estrela deveria, de então em diante deveria findar longe do mar, em um bosque. Em um lugar entre espinhos, onde escondida os escombros de um templo haveria um lugar onde uma noite a cada sete anos brilha uma misteriosa luz nem da lua e nem de estrelas. Ali estaria sepultado o corpo de um homem vindo de uma outra terra e por um outro mar. Ali seria. Nisso desejarem crer alguns dos nossos avós antes do falar galego. E assim foram. Saíram daqui e viajaram para Leste e foram contar aos que vinham sobre aquelas novas. Desde então e depois das palavras em galego, também os nossos pais e nós queremos crer, peregrinos de estrelas a caminho do corpo de um homem de outras paragens enterrado perto daqui. E assim pensamos que haverá de ser por muitos séculos. Até quando alguém venha de mais longe e, em outra língua, conte aos que estejam aqui quando os netos de nossos netos tiverem partido, uma outra história. Foi sempre assim, cremos, mas agora queremos crer em nossa lenda.



VIDA

um pequeno animal de penas

Não quero chamar “morte”
ao que seja isto que vês agora.
O pequeno animal de penas
desistiu do voo e sereno
pousou sua mínima sombra
em um canto do caminho.
O olhar atrás das pupilas
já não espia os grilos.
Ele adormece e é sem sonhos.
e a floresta enfim silencia.
Uma outra vida se apossa de seu corpo
e alimenta com ele uma outra vida.

*Na folha final do livro
El bosque transparente
De Angel Crespo
Voo de São Paulo a Madrid em 1999*

na noite, um bacurau

A alma se esconde atrás da árvore
e no chão semeia o açafreão.
Um menino empina um papagaio
E foi por isso que ventava então.
Há no vento um certo ar de antes
e quem voa em abril não são os pássaros
e nem são folha. Voa o papagaio
e mais sete palavras de uma prece
silenciadas na capela de São João.
Uma igreja de pedras, restaurada
entre restos de velas e de óleos,
e de santos cujo rosto o tempo apaga
enquanto fora a tarde anoitecia.
O papagaio numa árvore se aquietava
O menino não sabia se chorava
e um bacurau piava e outro calava
e o já era a noite anoitecia
enquanto a noite o dia anunciava.

há horas como esta

Um grão da chuva na folha caída, no outono.
Na folha seca caída um maio inteiro adormece.
Há horas como esta em que tudo alimenta a alma
que caminha como se pudesse ver no vento
e o rosto de algum ser de mito e de magia.
Sobre o galho de um Angelim e não em uma nuvem
um anjo dorme e esquece por um instante
ser eterno, e como o homem, sonha.
E ébrio do sonho desse então,
sonha ser humano.

doce

Doce, quase como o mel
 A amora avermelha a boca.
 Fruta-tinta, ela colore
 Os dentes brancos.
 Há frutas que deveriam
 Ser comidas com pincel.

Valença do Minho

Não perguntes aos astros pelo destino.
 Não voltes o anseio do olhar aos céus
 e nem espere de Aquário a resposta.
 A lenta corrente azul do Minho te dirá.
 Pergunta às águas vindas da Espanha
 sobre os segredos dos sonhos de ontem,
 sobre o que depois da curva o rio e a vida
 espreitam no outono para ti.

Observa depois o cair das folhas secas
 do olmo, da faia e do loureiro.
 Também por um breve instante
 elas desenham no chão astros e constelações.
 Busca no seu desenho sutil o teu destino.
 Que magos de longas túnicas saberiam dizer-te
 o que as cegonhas em seus voos sabem?
 Mais do que nos astros do céu de junho
 olha no chão a marca dos teus passos.
 Ali está escrito o teu destino.

Pretos de Baixo
 15 de fevereiro, 1993

vida! vida?

Existimos aqui ou quando?
Um cair de gota de água somos nós?
Somos o tempo do pio de um passarinho?
O bater de asas de uma borboleta somos nós?
Somos o vento que passou antes de vir,
E, como nós, mal sabe de onde veio e pra onde vai?
Somos um primeiro clarão do sol da manhã cedo
ou o que há entre a noite e a chegar dele
Quando mal a luz clareia o arvoredo?
Somos eternos como a flor que flore um dia?
Ou efêmeros como a terra em que ela cai?



NÓS

memória e artifício

Escrevo sobre canários e urubus e busco no olhar sobre os voos que há no mundo um momento dos pássaros da infância: bicos de lacre, coleirinhos e curiós. Sinais de vida que habitaram mundos de que fui. Sobre esses escrevo ainda quando parece que é sobre o sério do homem e suas alquimias. Escondidos nos cantos ocultos dos poderes do homem sobre os quais escrevo há uma multidão de aves, passarinhos que sabem todos os cantos. Cores de penas que são o colorido da razão. As formas de cultura de que falo não devem ser mais do que o cantar de canários da terra das matas que havia atrás de minha casa na Gávea. Escrever é sempre uma vontade de lembrar. As palavras são vivas quando são a memória da vida e tem então a sua magia. Falo das trocas que entre os homens há através dos passarinhos. Falo da vida.

Rio de Janeiro

o de repente

O improviso do repente
em que eu me invento
improvisa eu mesmo, de repente.
E a melodia de mim, minha viola
me toca com os dedos que são meus.
E a toada toda se enovela
e me entoa, e me entretece e me evola
e entre dedos e cordas nos tocamos
como se cantam a folha seca, o ar e o vento,
ou como o barco que se hasteia a sua vela
e navega num rio que se navega.
E espera o dia a noite e a noite o dia
até quando na hora entre uma e outro
se termina e acaba o que começa
e foi caminho? foi canção ou poesia
ou o silêncio com que sonho os sonhos meus?
E onde e quando? e se foi era então o que?
E quem não sabe (e sabe que não sabe)
guarda a viola no saco e vai embora
e da curva da estrada grita: “adeus!”

Uberlândia, 6 de maio 2014

exercícios de auto-desconhecimento

primeiro

Vindo de longe como o vento, e de onde?
trouxe o meu corpo, mera alegoria
e mais o espelho opaco que esconde
metade, a máscara de barro de meu rosto,
metade o que sobrou do que me invento
com um tanto de malva e sal a gosto
e alguns retalhos de acaso e de folia.

Sem nada, sou um rico, e saltimbanco
armo lona de circo, faço festa
e, peregrino, quero nada na algibeira.
O que não tinha, agora tenho: tempo
e por isso escrevo isto lento... lento.
Tempo é o que eu peneiro na peneira,
e esse momento é tudo o que me resta.

O que eu fui, o que fiz é agora o invento
de soletrar no caderno o esquecimento,
até restar limpa a lousa da memória,
como no voo a ave esquece o ninho
como de um barco a terra some aos poucos
como fecha a casa quem vai pelo caminho
e esquece a chave enquanto vai embora.

segundo

Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,
já não sei mais saber o que sabia:
se aquilo tudo houve em algum tempo
e se tudo foi s minha a trama, a história
em que alguém acaso creia um dia,
ou se foi tudo sonho, mitos da memória
estória, canto, conto, fantasia
e é mais verdade assim, por isso mesmo.

Como do voo volta a ave ao ninho
e de longe o barco torna ao porto
sou como quem depois de anos volta à casa
e embaixo do tapete encontra a chave
e abre o portão, a porta e a janela
e colhe na mesa um álbum de família,
e acende a luz onde já houve a vela
e distraído folheia fotos a esmo.

terceiro

Do acaso inesperado surge a espera
de que coisa alguma aconteça agora.
Nada existe dentro e não há nada fora
e verão algum vem depois da primavera.

Meu coração nem sente e nem decora
o abecedário do Carlos que ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei. E vida afora
sonho com um lago que é um rio em mim e flui.

Vida é o que vivi? E novas fora... nada?
E é ela que eu lembro quando acordo e esqueço?
E é no escuro dela a hora em que amanheço?
e minha casa é o chão de uma outra estrada?

Sonho? Sonhei que me sonhava um dia
e no sonho sonhava que havia um outro em mim,
E ele sabia e me lembrava o que eu esquecia
e do sono me acorde, e o que não era, é. E assim...



ELES

festas de colheita

Rasguei o calendário. No sou homem que conte os dias
do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números.
Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos
e a posição de alguns astros na nave do céu
me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações.
Sou homem de lavrar.

Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia:
celebrai aos ventos as vinhas de outubro!
preparai o corte dos instrumentos de ceifar!
celebrai, digo, as chuvas do verão e os frios do inverno!
A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome.
Há um tempo de viajar as mãos no ventre das mulheres
e há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las
junto no fogo. Do mesmo modo, digo aos da aldeia,
com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar
o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão
e aquele em que a ceifadeira corta o caule do trigo.
Não há mês como abril, digo aos que colhem.
As colheitas passaram e passou o tempo da quaresma.
Celebrai, grito da janela, os cereais de março!
Olhai os campos de pastagem! Vede os capins!
Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos,
ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados
o que há de mais belo do que a sua floração?
Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas?
Celebrai, digo aos que colhem, as sementes que jogam ao chão!

Caldas
12 de abril de 1982

casa velha num canto de Goiás

Lembro uma tarde, chovia e era março.
A casa era vazia e adormecia
e as coisas se olhavam sem espanto
desde quando as mulheres foram embora
e da casa levaram as mãos e as malas.
Sem espanto as coisas se entreolhavam
enquanto a casa velha envelhecia.

Um anjo sem ofício madrugava
e velava a sobra do que havia:
uma panela sem a tampa, uma caneta
um tinteiro vazio de tinta preta
uma foto sem o rosto de quem foi
um livro dado às traças e ao silêncio
um calendário de um ano que passou
um relógio parado às dez pras duas
(e na hora certa duas vezes todo dia)
um poço de água sem água, boca e fundo
uma teia de aranha sem a aranha
a poeira sem o medo da vassoura
e a vassoura sem pelos na parede
esperando o fim do dia, ou o fim do mundo.

*Cidade de Goiás
Semana Santa de 2013*

ouvindo um poeta

Jorge Luís Borges

Como aquela noite nunca houve
quando a luz da lua como vinho se bebia
e no fim da tarde ela veio leve e fria
quando em tudo um arco-íris mal vestido
coloria as sete cores com que o sol
fiava a roupa do atardecer, e se cobria
de vermelho e de roxo, de azul e cinza
e de tristeza e solidão, paz e alegria.

o lavrador

Acolhe entre o tronco e o braço
o cabo liso da enxada,
e curvado sobre a terra escura
com as duas mãos espertas
dissolve grãos de terra.
Os dedos amassam e quebram torrões
e em grãos ele devolve à terra a terra.
Ali, no sulco arado a suor e aço.
Ele atira três sementes a cada passo
E com os pés recobre com terra
O que depois da chuva será vida.
No fim do sulco ele pousa no ombro a enxada
E volta ao rancho e lava as mãos e o rosto.
Na porta do rancho não beija a esposa.
Silencia as palavras de quem chega.
E se olham em silêncio e não se abraçam .
E em silêncio se falam e dizem tudo
entre gestos de não-dizer, como se em prece.

a velha em Goiás

Cantava como quem sabe que hoje é o dia.
Como quem na dança esquece o passo
e entanto bailava como quem soletra
um alfabeto entre o lá o fá e o si.
Tinha na cabeça um lenço, ele era branco,
e os cabelos escondia como um manto.
Tropeçava nos seus passos e então voava
e ao vento ia e lá do alto de longe ela acenava.
E quando sumiu no céu diziam: “era um anjo!”
E era só uma velha que bailava, e se esquecia.

algumas velhas, alguns fios

Era o tempo do ouro. Era novembro.
Algumas folhas secas o vento esparramava
entre ruas sem nome e o fundo de quintais.
De onde vinha a noite algumas velhas
à luz da vela uma toalha entreteciam.
Eram de rugas as mãos, cabelos prata,
e os olhos pequenos o que eles viam?
As bocas sem dentes mal sorriam,
e se elas se olhavam, não falavam
empenhadas em tecer o que teciam.

Um suave tremor nos campos musicava
o que não sei se é pranto, salmodia,
ou fim de festa, baile ou batizado
entre pão-de-mel, tapioca e vinho tinto
que na dispensa guardavam e não bebiam.
Mas era delas que os traços do bordado
de sete cores e mil pontos de arte-e-linha
palmo a palmo sobre o pano aconteciam.

as flores aprendem com as pessoas

O ouro vivo dos ipês de agosto
amanhece os matos de Mossâmedes.
No trilho dos remansos da manhã
a água fria do cristal dos córregos
desceu a serra e fez descer em fila
as flores que bordam os pequizeiros.
Outros ipês do mato mais adiante
pintam de roxo o piso do arvoredado.

Sob os troncos cerzidos no cerrado
há tapetes estendidos com as seis cores
que a natureza aprendeu a entretecer
espiando das janelas os teares
das casas das mulheres-fiadeiras.
Quintais onde se fia tingem e tecem
o tecido sem-fim dos fios alados
que a cultura dos “sem-letra”
escreve e assina.

Nessas roças de fazendas entre matos
a natureza fia o que a cultura tece
e a memória das duas não esquece.
De modo que entre campos e povoados
há coberturas de copas e de colchas:
flores de panos que as pessoas fazem
e as plantas da floresta veem e imitam,
sob um claro de coivaras pelas serras
entre o sol do dia e o luar de agosto.

*28 de dezembro de 1981
São José de Mossâmedes*

beira do rio negro

Costurada no tapete espesso da floresta,
sem estradas de chão por onde ir,
esquecida de rumos secos e seguros
de migrar das margens de si mesma,
Manaus existe ilhada entre águas e matos
e habita uma terra úmida rodeada de paus
e bichos: do rol sem fim dos recursos avulsos
da nação das coisas virgens que há na vida.

Por isso anda armada. Sentinela
na porta de seus muros se vigia:
cidade sitiada, cidadela.

Por todas as partes a teia de aranha
das ruas dos limites de Manaus
convive na cama com a tela do arvoredado
e os riscos de bordados do rio Negro.

Por isso, acuada em seu claro de floresta,
a cidade se arma das pistolas e das facas
que há nos nomes, cheques e moedas.
Cidade armada, vigia atenta, luz acesa,
ela se esconde do escuro a noite inteira
mas nos claros do dia se rebela.
Na linha de frente espalha asfaltos
e no miolo do centro semeia entre lojas
lavouras e roças de edifícios;
importa máquinas de mares que não vê,
conversa com gringos em inglês
e cobre o corpo com peças de nylon.
Mas a ilusão civil da vestimenta
não dura a volta de sete quarteirões.

Pra todo o lado onde espia essa cidade
o olhar escuta os barulhos do rugido
do cerco de bichos, rios e matas virgens
e dos mil mitos que dormem na memória
da literatura dos igarapés: encantados,
botos, mães-d'água, almas, passaredos,
viventes que convivem entre esquinas
com o matagal das gentes e seus medos.

Manaus

12 de outubro de 1981

Huecório

a pedra na pedra

Como se fosse a pedra sobre a pedra
e sobre a pedra a pedra, a pedra pura.
Como sendo em pedra a pedra e o campo
e a casa, e em pedra a rua e a muro
e de pedra a noite, o vento e a lua
e o dobrar do milho ao tempo a pele dura.
E como fosse sobre a pedra a pedra
e de pedra a cama, o lençol e a sepultura
o que faz deste *pueblo* um povo em luta
contra a carne da pedra e sua alma
e de pedra a arma e a armadura.
De pedra corpo e em pedra a vida e a sina
de lutar com ela ou contra a pedra.
Quebrar a pedra e de pedra erguer o muro.
Quebrar a pedra e entre pedras semear.
Colher entre pedra o grão de milho.
Como se fosse a vida a pedra sob a pedra
e sobre a pedra a pedra. A pedra pura.

Pátzcuaro

agosto de 2009

releitura de um poema escrito em Pátzcuaro, em 1967



OUTRAS/OUTROS

Amélia

Santa Maria de Ons

Derramo no chão sobre um pano que a mãe de minha avó teceu estas favas de feijão branco e antes que anoiteça separo, curvada como agora, as pedras e os grãos. Coberta com o chapéu de palhas que eu mesma teci, vestida de muitos tons de negro, coleciono com a ponta dos dedos essas favas brancas que depois os meus comem entre a jornada da manhã e a da tarde. Algumas vezes digo enquanto faço isto alguma prece. Mas quase nunca, não. Sei que se há um deus ele está mais atento às falas dos gestos do que ao vazio das palavras.

Rosalia

Bastavales

Falo das origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar. Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado.

Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar.

Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: *aguarda, espera...* E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora. Eu apertava o ubre das vacas e saiam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo, um verso, não sei... um canto. Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas – cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema. Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui voltei aos ares de onde vim, usei dizer a quem distribui as almas entre os destinos: *há um lugar onde corre um pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero estar.* E ele disse uma palavra: *vai!* A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos, nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou as sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.

Benigno*Santa Maria de Ons*

Sou dos antigos. Vejam o cinza de minha boina negra! De tanto voltar a cabeça para os céus e buscar nos pássaros os sinais da colheita, os meus olhos foram ficando assim: azuis e mortos. Hoje enxergo com a ponta dos dedos, e se não tropeço nas pedras da correioira entre a casa e o campo, é porque meus pés aprenderam a ler o chão. Quando eu lembro, enquanto com os outros bebo em pequenas taças brancas de louça o vinho da tarde, que envelheci e presto para pouca coisa, quero que eles entendam o que vim dizer. Não consigo mais atrelar duas vacas no carro e o meu carro de vacas é o último da aldeia. E pergunto a eles para o que servem os dias da vida de um homem velho como eu, quando o corpo começa a esquecer os ofícios que transformam a água das chuvas de janeiro em leite e vinho?



mortos

Tereis mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? Tereis mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? Tereis viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, dizei-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra

pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem? De onde vem agora, se haveis partido daqui, estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem? Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem? Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vede! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da espera e do longo vôo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahía e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui - ah rostos de nossos outros – para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.

Angel Crespo – nunca idos

deus

Ele nos veio. Havíamos, os do círculo de nós, nos preparado por eras e eras para aquele momento. Primeiro um dos nossos encontrou os sinais no tronco enrugado de uma castanheira no monte. Pareciam formar palavras em alguma língua estranha, esquecida. Mas de tudo, um dos nossos traduziu isto: *virei*. Depois, atirando com a mão esquerda uma pedra no lago atrás da aldeia e lendo a equação dos números na ondulação das ondas concêntricas, um outro de nossa gente estabeleceu o lugar e a data: a noite de ontem: Solstício de Inverno. Fomos até lá procurando precisar o local exato no sentir a variação dos rumos do vento em nossos corpos. Chegamos ao lugar e era um círculo de sete árvores em uma clareira no bosque. Do que vivemos então podemos dizer estas coisas: para além das medidas humanas para tempo e espaço, Deus chega quando vem. Ele nos chega por meio de anúncios quase incompreensíveis, como o suave murmurar das folhas da Faia ao vento de Oeste. De nada adianta aos homens estabelecerem datas com sortilégios que somente servem para o anúncio da chegada das chuvas e dos filhos. Ele nos vem e nos toma. E é tudo, e é só. E o que nos toca fazer é responder sim ou não ao que, no entanto, já aconteceu. Sem que ninguém de nós dissesse nada aos outros ao redor do círculo, aprendemos a saber que se com um mínimo gesto dos sentimentos dissermos a palavra *não*, Deus, atento, se irá como veio e não nos legará castigo algum. A perda de sua presença já é o bastante. Se do fundo do coração dissermos um *sim*, ele plantará em nós uma pequenina semente.

Somente então estas antigas palavras: *pelos seus frutos os conhecerei*, serão decifradas. Pois todo o bem é uma planta semeada no ser de alguém e que algum dia cresceu. E todo o mal é apenas a sua falta. Como aquela Figueira Dissemos *sim* e ninguém de nós pronunciou palavra alguma. Diante do mistério que havia em nada acontecer ali, nós nos calamos e se algo dissemos, somente Ele ouviu. Pois quando nos pareceu chegado o momento unimos a prece escrita em nossos corações e o mais velho de nós murmurou sem ninguém ouvir nada esta outra prece: *vem*. Houve apenas um estremeamento nas folhas dos galhos de algumas árvores perto de nosso círculo. Um pássaro da noite piou e os que ousaram abrir os olhos disseram que por um momento a noite tornou-se somente um pouco mais iluminada. Como acontece tantas vezes em Maio, a Lua por um breve instante saiu de trás da toalha das nuvens. E foi só. Mas se escrevo isto é porque desde aquela noite começamos a crer sem temores que alguma coisa estranha e feliz cresce entre e dentro de nós. Não temos ainda palavras para dizer o que sentimos, mas é tão forte que ontem um dos nossos disse: *será preciso criar palavras novas*. Assim sendo, antes que aconteça o que acreditamos que virá, alguns dos nossos trocaram arados por bastões e, sem cintos e nem alforjes, resolveram partir sem rumo algum para contar essas coisas aos outros. Três de nós ficamos para dizer aos nossos as palavras que esperamos que nos venham em sonhos. Também alguns outros não sabem ainda o que dizer, mas também eles calçaram as suas sandálias e, lendo rumos dos lugares do Mundo entre as estrelas, partiram.

Santiago

Quando ele me chamou atendi. Larguei o que tinha e fui. Alguns deixaram barcas e redes. Eu, a minha própria memória de antes. E mais depressa do que Pedro, que foi ainda guardar as redes e despedir a família, fui. Quando ele me disse: *vem comigo*, primeiro cerrei os olhos. Se os abrisse e não visse o rosto daquele homem teria sido um sonho, uma imagem de tardes de grande sede, e eu estaria livre. Fechei os dois olhos e deixei de ver por um momento a sua túnica meio gasta, meio suja como os panos de quem caminha sem termo e o tempo dos cuidados que as mulheres e as águas dão às roupagens dos homens. Deixei de ver os peixes na areia e a areia da beira do lago. Os montes ao longe e então não sei o que vi detrás das pálpebras. Quando abri os olhos ele estava lá, e repetiu: *vem*. Fui. Foi apenas isto e caminhamos juntos por estradas que nem ele e nem eu conhecíamos. E comemos do mesmo pão, dos mesmos peixes. Durante meses caminhei com ele e ouvia, entre os outros, as suas estranhas palavras. Ele contava estórias para revelar segredos. Gostava de suas lendas ora inocentes, ora terríveis, entre ovelhas, sementes e luzes de candeeiros debaixo da cama. Em algumas aldeias nos davam uma comida melhor do que um pão sem sal. E nos davam vinho. Ele tomava e nos deixava beber. Uma ou outra vez ficava mais alegre e esquecia mensagens e nos falava de quando era menino em Nazaré. Lembrava do amor como uma estranha palavra e dizia profecias sobre um reino aos pobres. Nunca o vi, esse reino prometido. Existe?

Quando ele morreu pensei voltar à casa. Mas então eu era outro e não sabia mais a que voltar. A quem. E não sei porque, acabei seguindo os outros e aprendi com eles a falar em seu nome em duas ou três outras línguas. Queria contar as suas estórias, mas trocava as ovelhas pelas cabras e nunca sabia como terminar. Quando perguntavam por alguma razão de tudo aquilo eu sorria, e ríamos juntos. Aqueles a quem eu deveria comover riam comigo e riam de mim. Gaguejava as palavras e não sabia ao certo o que dizer. Mas dizia. Disse e acabei querendo crer no que os que me ouviam acreditavam antes de mim. Viajei entre aldeias. Em troca de uns punhados de pão e um trago de vinho repetia de novo as mesmas estórias, a cada dia um pouco melhor. Pensei ser apenas um desses pequenos poetas errantes de outros povos, e por isso penso haver aumentado as parábolas dele e criado outros personagens e enredos de dramas. Foi quando um dia, perto de quando tudo aconteceu, que vieram sobre nós umas folhas de fogo. Continuei a falar, com menos dúvidas. Pregava aos brados, com os braços erguidos e, com menos improvisos, procurei ser fiel. A que? A quem? Nesses ofícios de semeador do oitavo dia havia entre os nossos outros melhores do que eu. Dois jovens me seguiram. Soube por ouvir dizer que Pedro e os outros chamavam o que pregávamos de: o Caminho. Comecei a chamar assim também. Depois, os que cruzaram com Pedro e alguns outros vieram me contar os prodígios que eles faziam. Tal como Ele, curavam doentes e davam a vista aos cegos. Não quis crer, pois nunca fiz por minha conta e em nome dele prodígio algum. Lembrava as estórias que ouvi e guardei e contava aos outros: *saiu um semeador a semear*. Os adultos, quase todos, abanavam a cabeça. Mas as crianças pediam: *conta outra!* Quando disseram que iriam me matar, respondi apenas: *um dia viria, que seja hoje. Em algum lugar longe, em outros tempos, outros homens caminharão noites e dias em busca de meus sinais. Estarei morto, mas haverá enfim um caminho.*

peregrinos

E depois vieram esses: esses reis coroados, mas a pé. Vinham vestidos de escuro e bastões e uma concha de Vieira nas costas. E o traje marrom, como em monges. E vieram essas mulheres, princesas e aias. Mulheres de sede e mulheres de pés descalços. Algumas eram virgens como o primeiro dia de um mês, e de outras se soube que tinham raros nomes, a nós tão difíceis e pronunciados com veneração em seus reinos ao Norte. Pois vieram elas e a pequena corte dos seus seguidores. As mais fortes caminhavam longos trechos de trilhas nos montes no sol de Julho. Liam quando paravam sob a sombra de alguma Castanheira algum livro de capas claras e as mais velhas sussurravam às servas: *algum dia... então*. Outras, frágeis, vinham pelo caminho em cavalos mansos ou mesmo entre os lençóis brancos de alguma liteira. Vinha do Leste e devo dizer que traziam no corpo alguns sinais de penitentes. Vi duas delas, em dois outonos, sentadas como as moças da aldeia sobre uma pedra dura, comendo com as pontas dos dedos a comida amarga dos pobres e sem sal e vinho. Falavam línguas desconhecidas e me ponho a pensar sobre como Deus as entende. Mas foi por isto mesmo que alguns dos nossos imaginaram serem elas santas ou senhoras de estranhos poderes. Pois quem fala o que não se entende somente pode dizer palavras que os anjos ou os demônios ouvem. *Deixaram tanto e vieram*, disse à volta do fogo uma velha um dia. Morreu numa outra tarde com um rosário entre os dedos e murmurando com os tropeços de uma fala moribunda o nome de uma mulher de longas tranças que ao passar lhe atirou uma moeda de bronze onde de um lado havia um lobo e, do outro, um corvo. E vieram também os pobres do milênio e esses eram tantos que para cantá-los precisaríamos de uma outra aritmética.

E esses eram em Setembro como as areias das trilhas, inúmeros, incontáveis. Quanto de pães de trigo escuro e de centeio para lhes matar a fome? Com as roupas em andrajos e os pés feridos, vinham sujos, mas cantavam e alguns murmuravam largas preces aos ventos. Chegados do Caminho e felizes, eles vinham desde Puente la Reina e até mais longe, a Leste a ao Norte, porque a cada manhã não anteviam promessas de salvação eterna, mas apenas entre a névoa e os montes, as torres da Catedral em Compostela. Depois, sonhavam a sopa quente e o chegar em suas terras e dizer aos outros: *eu também fui!*

nós, mortos

Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra *aldeia* para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura. Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas casacas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos.

Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça. Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas correioiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

meiga

Ando às voltas com a cegueira. Fecho os olhos e vejo. Há noites de outono entre a Minguante e a Nova em que essa camada de carne suave tem dores de pedra. São as minhas dores, prisioneiras do espanto e do espelho. Não há nada a fazer, agora, quando os homens que talham cruzeiros nas estradas dizem que os sortilégios são enganos. Ao norte daqui algumas mulheres foram queimadas por isso. Tento ver seus rostos na beira dos lagos. Mas não. Melhor que fiquem coladas aqui, em algum lugar dentro de mim. Algumas outras, mulheres de aldeia ou seres que sobraram de nossas raças antigas, antes de tudo isso acontecer, acaso sabiam sobre o inexistente, procurando aos tateios com a pele enrugada das mãos, já que para alguns entes da noite elas enxergam melhor do que os olhos. Assim os meus, que já me escapam de se livrarem de mim. Já busquei tanto! Tinha poderes e podia curar doenças com algumas palavras e o toque de meus dedos. Agora não, e procuro abrigos. Alguém que não me tema e abra a porta e diga: *vem comigo*. Creio, mas não sei mais como repetir preces. Penso em Deus em silêncio e se ele não existe, que venha aqui me dizer. E antes, mesmo os que vinham aqui trêmulos, primeiro me ouviam. Depois fugiam sem olhar para trás e alguns gostariam de acender o fogo embaixo de minhas carnes. Às vezes é nem esperar. Seria bom fechar os olhos ao cair da noite e abri-los no meio de uma tempestade. E não ver nada ao ouvir o tambor dos trovões. Mas desde quando por aqui mudaram o rosto e os nomes dos deuses, chove magro, regrado. Do que roça o meu corpo envelhecido, aprendi a separar o sopro do vento do arfar do Espírito. Sei que raro, mas sempre, ele passa, e é bom.

Depois, nem isso. Algumas mulheres de roupas negras cruzam leiras por aqui e gritam do lado de fora: *deus passa, é só ouvir!* E eu que só, aqui, agora vejo através. Fecho os olhos que abertos já não distinguem o dia da noite e espio o insondável. Depois calo, pois de quem eu fui já se descrê em demasia. Na minha morada de madeiras e palhas, do que já houve restaram algumas letras coladas no chão. Quem anda pela casa como eu descalça, sente e lembra. Cega das cores é pelo tato da pele que me chega o sabor e o saber. Meu corpo que homem algum tocou por suas delícias. Nunca fomos muitas e hoje a conta de quem somos cabe nos dedos das mãos de um menino. Um dia a última de nós gritará ao vento o nome de todas. E será como nada. Se formos adiante algumas histórias que as avós contam aos netos, já será bastante. Ao tempo em que havia por aqui crenças no fogo e na terra eu gritava de minha porta um nome, e ele vinha. Agora durmo em branco. Fomos... é isso. Um copo de água dado no oco das mãos de alguém já seria tanto. Mas, quem?

Presença

Um grão de chuva. Acaso alguém, uma única pessoa dessas que dizem no meio da novena: *Deus me fala*, parou entre um caminho e outro, de volta à casa uma única vez. Parou ali, como se o mundo inteiro existisse devagar e sem tormentas estivesse começando agora? Alguém desses que esperam anjos na porta de casa acaso parou um dia assim para ouvir vindo do chão o ruído da voz do mundo? Alguém lembrou de viver isto uma única vez? Pois isto é Deus. Não fosse por ser Deus, em nome de quem uma mínima, uma única gota da primeira chuva de novembro viria dos céus fazer aqui esse murmúrio único? E quem existe em uma folha seca de olmo caída na estreita calçada do ombro de quem volta do campo e passa, e vai embora sem saber que foi por um segundo o lugar de um milagre? E ela tomba de seu galho no ombro de quem passa e fica ali, tremendo, por um momento antes de voar ao chão. Há milagres? Eis um. E há horas que é como o sentar no chão da terra e ouvir a alma. Há outonos assim e o silêncio, sua morada, ele vem então. Como o findar do vôo quando uma ave branca chega ao ninho e pousa. Como quando um anjo silenciosamente imita o seu gesto e, na mesma árvore, guarda as asas e senta o corpo ali, ao lado da ave: seu igual, seu outro.

Banhado de luz, pois é um anjo, mas igual ao pássaro, uma outra ave, e somente isto. Alguém que a seguir, entrando na casa de um pobre entrasse sem bater e apenas dissesse: *vim*. E sem perguntas ganharia um lugar ao redor da lareira. E depois de comer, como uma prece, como uma bênção, diria antes de ir embora: *nessa sopa de cebolas só faltou mais uma pitada de sal*.

E sorrira ao vento, a uma criança e a um pássaro, sabendo que, ele sim, quando canta, profetiza. Então, à volta da lareira acesa de ramos e galhos de um choupo reinaria um grande silêncio. E ele iria embora como veio, sem dizer sequer o nome. E, no entanto, entre todos, o corpo das mulheres, esse suave tecido do desejo, seria como se pudesse ouvir o canto da gota de chuva quando cai. E ouvir a sombra da tarde e o seu lamento, que somente às aves e às mulheres os anjos revelam.



ESCRITA

como o vento, as palavras vêm

Escrevo. E ouço me dizerem as palavras
que nada do que está escrito aqui é meu.
As palavras me tomam nesta noite
e sei que elas chegam das vozes de outros.
Como as sementes de um pé de amoras
elas me chegam de longe com o vento.

As palavras que eu digo e as que eu escrevo,
não são minhas letras e palavras
e nem as frases e ideias que penso serem minhas.
Elas me chegam, brotam na terra de que sou,
como a planta semeada se desvela.

Nada do que está escrito aqui e ali é meu.
Nada do que escrevi a vida inteira foi somente meu
e não sou autor de nada que não tenha sido dito antes de mim
e antes de mim não tenha sido escrito a muitas mãos.

As palavras que dizemos e as que ouvimos
não são nossas em momento algum
e se ilude aquele que escreve e pensa: “isto é meu!”.
Elas chegam com o vento e como o vento.
vêm de longe, de um onde não sabemos.
E por outros rostos foram vistas, e ditas entre outras vozes
sob a sombra de outras árvores e sob outros frutos.
E outros ouvidos as ouviram em outras línguas.
Um vento de passagem as recolheu, um vento
como o que agora venta aqui. Vem e escuta!

Em outra noite como agora, em um lugar distante
um outro vento as recolheu nos braços, safra de letras,
colheita de imagem, lavoura de idéias
e as palavras que pensamos nossas, vieram nele.
Terão cruzado o calor de algum deserto,
e povos beduínos as terão ouvido antes de nós
as palavras que cantaram e não são nossas.

Terão atravessado um mar, um oceano,
guiadas talvez por uma estrela
que de longe traduziu letras, palavras
e as entou antes de nós, bem antes.
E com o vento chegaram aqui as palavras
e por um instante, durante um breve tempo
do passar do sopro de um vento errante
elas me habitam como quem, cansado
encontra uma tenda ou a sombra de outra árvore.
Um momento efêmero, porque logo tomam alento
e em um outro vento viajam... vão embora
e pousam em um lugar longe, de outras línguas.

E passaram por nós, e as ouvimos e falamos,
e algumas vezes as retemos num papel
imaginando sair de nós o que apenas nos visita.
Tudo o que eu um dia disse em alguma aula
Ante de mim um aluno disse em seu silêncio
e uma estudante sonhou sem saber o eu sonhava.
“Sou onde não me penso”,
e somente a palavra de um outro me decifra.
O que ensino, aprendi um dia um outro alguém.
O que sei, sabemos, e o que sabemos só é sábio se é plural.

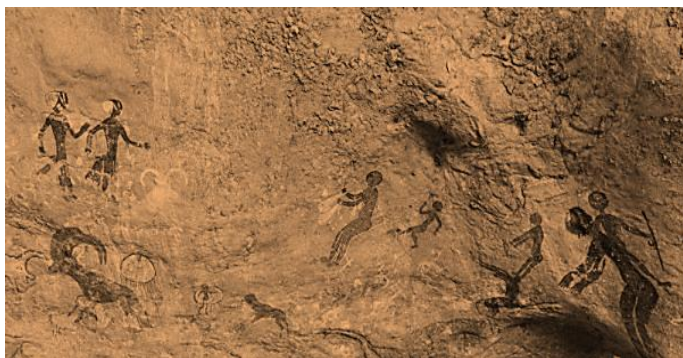
E aqui ficamos enquanto elas nos deixam.
E o que chamamos, sem saber, “silêncio”
é apenas o seu ir embora e nos deixar
até que outro vento passe e em nós ressoe
um poema, um pensar, um prece, uma canção.
Palavras que repousam em nós o seu minuto.

Em nós que sonhamos que ouvimos
vindo dos rios de nosso corpo o que flui no tempo,
sem sabermos que aquele que escreve ou fala
é apenas um alguém um pouco mais atento ao vento.
Ele escreve as palavras que o possuem,
mas quem? Quem decifra a voz do vento?

Carlos Rodrigues Brandão

Escrito em algum dia e em algum lugar, esquecidos

Revisto para o dia 26 de agosto



Nota final: não tenho maiores referências sobre as imagens que escolhi para acompanhar estes escritos.

Gosto muito de pinturas rupestres.

Esta, que de várias maneiras retrabalhei me veio sem maiores indicações, a não ser que elas são pinturas rupestres existentes em algum lugar na Argélia.

Referências

Bachelard, Gaston

Todos os livros do “Bachelard Noturno”

(quase todos editados pela Martins Fontes)

Barthes, Roland

Aula

2013, Editora Cultrix, São Paulo

Brandão, Carlos Rodrigues

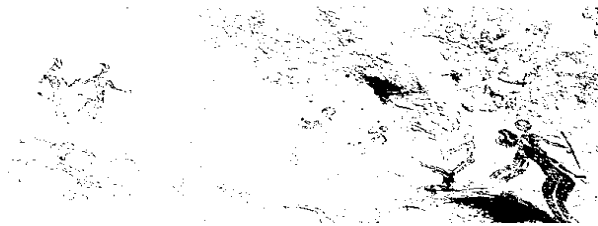
Diário de Campo - a antropologia como alegoria

1982, Editora Brasiliense, São Paulo

Tedlock, Dennis

Days from a Dream Almanac

1990, Univ. of Illinois Press, Urbana and Chicago





*Este livro nunca impresso
faz parte da série
FOLHAS AO VENTO.
Ele pode ser acessado, copiado, lido e
utilizado devidamente, de forma
livre, gratuita e solidária.
Outros escritos meus, entre livros e
artigos, podem ser também livre e
gratuitamente encontrados
e acessados em:
www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventosom.br
LIVRO LIVRE*